

The background of the cover is a photograph of a vast, golden wheat field. In the upper half, a bright sun is positioned in the sky, creating a lens flare effect with rays extending outwards. A few wispy clouds are scattered around the sun. The horizon line is visible in the distance, separating the field from the sky. The overall color palette is warm, dominated by yellows, oranges, and blues.

WILLIAM MACDONALD

A GRACA
DE DEUS

A GRAÇA
DE DEUS

WILLIAM MACDONALD

A GRAÇA DE DEUS

WILLIAM MACDONALD



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Traduzido do original em inglês: *The Grace Of God*
Walterick Publishers, Kansas City, Kansas – EUA.

Tradução: Cleide Camargo

Revisão: Traudi Federolf, Sérgio Homeni, Ione Haake,
Célia Korzanowski, Arthur Reinke

Edição: Ingo Haake

Capa e Layout: Roberto Reinke, Raquel Lima

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada
– 2ª edição (SBB), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão
Internacional - NVI, Almeida Corrigida e Revisada Fiel – ACF, ou Almeida
Revista e Corrigida – ARC.

Todos os direitos reservados para os
países de língua portuguesa

Copyright © 2010 Actual Edições

R. Erechim, 978 – B. Nonoai

90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil

Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385

www.chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

M135g MacDonald, William

A graça de Deus / William MacDonald; tradução Cleide
Camargo. -- Porto Alegre : Actual, c2010.
80 p. ; 13,5 x 19,5 cm.

Tradução de: *The Grace of God*.
ISBN 978-85-7720-049-8

1. Cristianismo. 2. Graça de Deus. 3. Salvação.
I. Camargo, Cleide. II. Título.

CDU 234.1

CDD 234.1

(Bibliotecária responsável: Nádía Tanaka – CRB 10/855)

ÍNDICE

1. A Graça de Deus	7
2. A Grandeza de Deus.....	15
3. A Pecaminosidade do Homem	23
4. A Bondade de Deus Para Com o Homem	29
5. A Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.....	35
6. A Salvação Pela Graça Mediante a Fé	41
7. "Para Que Vos Tornásseis Ricos"	51
8. Certeza	59
9. Segurança Eterna	65
10. A Resposta do Homem à Graça de Deus	71

1

A GRAÇA DE DEUS

Suponha que você tenha um filho de seis anos que é a alegria e o deleite de sua vida. Suponha também que esse filho fosse cruelmente assassinado. Que atitude você teria com relação ao assassino?

Se você usasse todos os meios ao seu alcance para matá-lo pelo crime cometido, isso seria **vingança**.

Se você se contentasse em sentar-se e aguardar que as autoridades civis o julgassem e condenassem, isso seria **justiça**.

Mas se você perdoasse o assassino, o convidasse para vir morar em sua casa e depois o adotasse como seu próprio filho, isso seria **graça**.

Mas talvez você esteja achando que a ilustração é superficial e está longe da realidade. Então vamos ver outra ilustração.

Suponha que você tenha pecado contra Deus. Suponha também que pela Lei de Deus você esteja condenado ao inferno por causa desse pecado. Se Deus permitisse que a sentença fosse executada, você não poderia reclamar porque estaria recebendo exatamente o que merecia, de acordo com a lei divina.

Mas o que você pensaria se Deus enviasse Seu único Filho para morrer em seu lugar, como seu

substituto, pagando a penalidade que seus pecados mereciam? E o que você pensaria se Deus lhe oferecesse a vida eterna como um presente gratuito se tão somente você recebesse o Seu Filho como Aquele que morreu em seu lugar? E depois, o que você pensaria se o Senhor oferecesse fazer de você Seu próprio Filho e o levasse à Sua casa nos céus para viver com Ele eternamente?

Como você chamaria esse ato de Deus? Há apenas uma palavra para descrever esse tratamento – a palavra é GRAÇA.

E isso é exatamente o que Deus está fazendo. A ilustração é válida porque é verdadeira. Deus está mostrando favor ilimitado a pecadores maus que tão somente crêem em Seu Filho, Jesus Cristo.

Para entendermos o que significa a graça de Deus, façamos cinco afirmações simples. Depois explicaremos cada uma delas, em detalhes.

1. A graça é o favor imerecido de Deus a pecadores que merecem o contrário.
2. A graça de Deus oferece a salvação como um presente gratuito a todos que colocam sua fé em Jesus Cristo, Filho de Deus.
3. Deus tem condições de demonstrar graça aos pecadores desta maneira porque o Senhor Jesus morreu como Substituto deles na cruz do Calvário.
4. A graça não pode ser merecida nem comprada no todo ou em parte.
5. A graça de Deus é ilimitada.

Primeiramente, **a graça é o favor imerecido de Deus a pecadores que merecem o contrário.**

Isso é muito importante. O homem não merece ser bem tratado por Deus. Não há nada no homem que obrigue Deus a ser amável com ele. Ele não pode exigir absolutamente nada de Deus. Se Deus decide mostrar favor aos filhos dos homens, o motivo não se encontra neles, mas no Todo-Poderoso.

A graça de Deus é demonstrada aos pecadores. Observe este ponto cuidadosamente! A graça não é demonstrada a pessoas boas, pessoas corretas, pessoas de moral elevada – mas a pecadores. Por sua própria natureza, a graça sempre flui de cima, ou seja, de Deus, para os ímpios. Ela pode funcionar apenas onde há pecadores culpados e condenados. “A graça não está em busca de homens bons a quem ela possa aprovar, porque isso não seria graça, mas a simples justiça que aprova a bondade. Ela está buscando homens e mulheres condenados, culpados, que não se defendem, que não podem fazer nada por si mesmos; ela os busca para salvá-los, santificá-los e glorificá-los” (C. I. Scofield).

Pecadores não merecem o favor de Deus mas exatamente o oposto. “*O salário do pecado é a morte*” (Rm 6.23). De acordo com todas as regras da justiça divina, um pecador deveria morrer por seus pecados e passar a eternidade no inferno.

Portanto, a graça de Deus significa bondade para com aqueles que merecem punição.

O segundo fato a ser lembrado é: **A graça de Deus oferece a salvação como um presente gratuito a todos que colocam sua fé em Jesus Cristo, o Filho de Deus.**

Salvação significa libertação da penalidade e do poder do pecado nesta vida e libertação da presença do pecado na vida por vir.

Deus nos oferece tudo isso como um presente gratuito. Isso significa que não há custo ou preço envolvido. O homem meramente recebe esse presente de seu Doador.

Para receber esse maravilhoso presente da graça de Deus, uma pessoa simplesmente precisa crer no Senhor Jesus Cristo. Ela aceita o Salvador como seu Substituto e entrega o bem estar eterno de seu espírito, alma e corpo ao Senhor. Credo que Cristo morreu por ela no Calvário, a pessoa aceita o Senhor Jesus como o único caminho de salvação que Deus nos proporciona. No momento em que ela faz isso, está salva pela graça de Deus.

Isso nos leva ao terceiro ponto: **Deus tem condições de demonstrar graça aos pecadores desta maneira porque o Senhor Jesus morreu como Substituto deles, na cruz do Calvário.**

Não seria justo da parte de Deus não tomar conhecimento do pecado do homem, tolerá-lo ou desculpá-lo. A lei divina exige que a pessoa que peca seja punida por causa desse pecado. Essa lei deve ser executada.

Entretanto, se o próprio homem tiver que pagar a penalidade de seus pecados, ele perecerá para sempre.

Como, então, Deus pode salvar o pecador que Ele ama e ainda assim ser leal a Suas próprias leis? A resposta é que Deus enviou Seu Filho sem pecado para morrer no lugar dos pecadores. O Senhor Jesus pagou o preço que o homem deveria pagar. Ele suportou a penalidade dos pecados dos outros. Ele morreu a morte que nós merecíamos.

Agora que todas as exigências da justiça divina foram completamente satisfeitas, Deus pode oferecer vida eterna a todos os que recebem Seu Filho como Senhor e Salvador.

A graça é muitas vezes definida como “as riquezas de Deus que nos são dadas às custas de Cristo”.

A morte, o sepultamento e a ressurreição do Senhor Jesus fornecem a Deus as bases legais e justas sobre as quais Ele pode salvar pecadores vis que querem ser salvos.

O quarto ponto é o seguinte: **A graça não pode ser merecida nem comprada no todo ou em parte.** É por isso que a Bíblia constantemente contrasta a graça com a lei, as obras e a culpa.

Debaixo da lei, o homem recebe aquilo que merece. Os Dez Mandamentos, por exemplo, prometeram continuidade da vida aqui na terra para os que obedecessem e morte para os que desobedecessem.

O princípio das obras significa que um homem recebe seu salário como pagamento por seu trabalho. Ele tem direito a seu pagamento porque trabalhou para fazer jus a ele.

Semelhantemente, a idéia do débito é que uma pessoa deve algo a outra pessoa como pagamento por serviços prestados.

Mas a graça é totalmente oposta a isso!

Não são os que obedecem à lei que Deus salva. Se uma pessoa pudesse guardar os Dez Mandamentos, não precisaria ser salva. Mas a graça salva os que quebram a lei e que, por isso, estão em perigo de ir para o inferno.

A salvação não é uma recompensa dada a homens que fazem boas obras. A salvação é para os que não fazem obras, mas que crêem naquele que justifica os pecadores (Rm 4.4-5).

A salvação não é uma obrigação que Deus deve aos homens pela pureza da vida que levam. É a bondade que Ele demonstra aos homens que deveriam estar no inferno.

Trabalhar para tentar obter, merecer ou comprar a salvação é insultar o Doador. Imagine-se convidado para um banquete no palácio do presidente da República. Você está sentado à uma mesa cheia das melhores iguarias. Todo esforço foi feito para dar-lhe a noite mais agradável possível. No final de uma noite inesquecível, o presidente fica em pé perto da porta da frente do palácio e se despede de você.

O que você faz? Ao sair, será que você coloca uma moeda nas mãos do presidente e diz: “Muito obrigado por sua gentileza. A noite foi muito agradável. Percebi que lhe custou uma fortuna e gostaria de ajudar a pagar pela refeição”?

Essa seria uma resposta adequada à gentileza do Presidente? Pelo contrário, seria um gesto rude e um verdadeiro insulto. Semelhantemente seria com a graça de Deus. Tentar comprar o presente da salvação seria um insulto Àquele que a está oferecendo. Esse presente não tem preço!

No momento em que se acrescentam termos ou condições, a graça deixa de ser graça. *“E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11.6).*

E agora chegamos ao último ponto: **A graça de Deus é ilimitada.**

Pense no preço que Ele se dispôs a pagar para salvar a sua alma culpada e a minha. Ele deu Seu único Filho. Ninguém, exceto Deus, poderia ter feito tal coisa.

Pense naqueles que Ele salva! Os pecadores mais profundamente incorrigíveis – prostitutas, adúlteros, fornicadores, mentirosos, trapaceiros, assassinos, incrédulos, ateus e religiosos hipócritas. Ninguém é tão vil que possa impedir a graça de Deus de alcançá-lo e de salvá-lo.

Pense na paciência que Deus demonstra! Por longos séculos Ele foi insultado e rejeitado. Seus mensageiros foram apedrejados e perseguidos. Seu amado Filho foi crucificado e morto. Mesmo assim, onde o pecado foi abundante, a graça foi muito mais abundante. E Ele ainda nos envia as boas novas da salvação. *“Crê no Senhor Jesus, e serás salvo, tu e tua casa” (At 16.31).*

Pense na posição em que Deus coloca o pecador que crê! Faz dele um filho de Deus, um herdeiro de Deus e um co-herdeiro com Cristo. Ele o salva do pecado, da morte, do inferno e o prepara para uma mansão nos céus – para estar com Cristo e ser como Ele para sempre.

Não surpreende que a graça de Deus tenha sido a inspiração para poetas e artistas, para príncipes e plebeus, para mártires e ladrões à beira da morte. Este é o maior de todos os temas!

A GRANDEZA DE DEUS

“Vossos pensamentos a respeito de Deus são demasiadamente humanos” (Lutero)

Se pensarmos a respeito de Deus como se Ele fosse um mero ser humano como nós mesmos, não daremos muito valor à Sua graça. Mas se tivermos pensamentos grandiosos a respeito de Deus, então nos parecerá maravilhoso que Ele tenha enviado Seu Filho para morrer por nós. Quanto mais percebemos a grandiosidade da pessoa de Deus, mais O adoraremos como o Deus de toda a graça.

Ao considerarmos a grandeza de Deus, vamos primeiramente nos lembrar que Deus nunca foi criado. Ele criou todas as coisas; mas Ele mesmo não teve princípio nem terá fim. Ele é o Deus eterno (Dt 33.27).

Ele é único em Sua grandeza. Não há ninguém mais como Ele. *“Ó SENHOR, quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas?”* (Êx 15.11).

Ele está tão elevado acima da terra que os homens, que parecem ser muito importantes para nós, diante dEle são como nada. *“Ele é o que está assentado sobre a redondeza da terra, cujos moradores são como gafanhotos; é ele quem estende os céus como cortina e os desenrola como tenda para neles habitar; é ele quem reduz*

a nada os príncipes e torna em nulidade os juizes da terra” (Is 40.22-23).

Até mesmo as nações do mundo são insignificantes para Ele. *“Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai de um balde e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta. ...Todas as nações são perante ele como coisa que não é nada; ele as considera menos do que nada, como um vácuo” (Is 40.15,17).*

Ele é *“bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores; o único que possui imortalidade, que habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver. A ele honra e poder eterno. Amém!” (1 Tm 6.15-16).*

“Ele deve ser reverenciado, louvado, adorado. Ele é único em Sua majestade, singular em Sua excelência, inigualável em Sua perfeição. Ele sustenta tudo, mas é independente de tudo; Ele dá a todos, mas não é enriquecido por ninguém” (Extraído).

Deus é auto-suficiente (At 17.25). Ele não precisa de nada nem de ninguém além de Si mesmo. Ele tem, nas três pessoas da Tri-unidade, tudo o que poderia desejar para Sua alegria e satisfação. Ele é completamente independente de todos.

E não apenas isso, mas também é impossível que Deus tenha obrigações para com qualquer uma de Suas criaturas. Ele não deve nada a nenhum homem, nem poderia o homem fazer algo por Deus que Deus tivesse que lhe pagar. Tudo o que Deus faz por suas criaturas é pura graça. Pois *“quem primeiro deu a ele para que lhe venha a ser restituído? Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém!” (Rm 11.35-36).*

O conhecimento de Deus é inescrutável. Não há nada que Ele não saiba – seja no passado, no presente, ou no futuro. *“E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados”* (Mt 10.30). *“Não se vendem cinco pardais por dois asses? Entretanto, nenhum deles está em esquecimento diante de Deus”* (Lc 12.6). Ninguém jamais ensinou algo a Ele ou Lhe deu conselhos. *“Quem guiou o Espírito do SENHOR? Ou, como seu conselheiro, o ensinou? Com quem tomou ele conselho, para que lhe desse compreensão? Quem o instruiu na vereda do juízo, e lhe ensinou sabedoria, e lhe mostrou o caminho de entendimento?”* (Is 40.13-14). *“Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? Ou quem foi o seu conselheiro?”* (Rm 11.33-34). Quando o salmista pensava sobre o conhecimento de Deus, ele disse: *“Grande é o Senhor nosso e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir”* (Sl 147.5).

Nada pode ser escondido de Deus. *“Todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”* (Hb 4.13). *“Tu és Deus que vê”* (Gn 16.13).

Deus não Se esquece de nada, exceto daquilo que Ele decide propositalmente esquecer, a saber, dos pecados de quem confiou em Jesus (Hb 8.12).

Deus está sobre tudo. *“Teu, SENHOR, é o poder, a grandeza, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, SENHOR, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos. Riquezas e glória vêm de ti, tu dominas sobre tudo, na tua mão há*

força e poder; contigo está o engrandecer e a tudo dar força” (1 Cr 29.11-12). “Ah! SENHOR, Deus de nossos pais, porventura, não és tu Deus nos céus? Não és tu que dominas sobre todos os reinos dos povos? Na tua mão, está a força e o poder, e não há quem te possa resistir” (2 Cr 20.6).

Como Senhor sobre todas as coisas, Deus é soberano (Sl 135.6). Isso significa que Ele pode fazer o que Lhe parecer bem. *“No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada” (Sl 115.3).* Ninguém tem o direito de questionar Suas motivações ou Seus atos. *“Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e, segundo a sua vontade, ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4.35).* Não há sequer uma causa que seja uma reclamação válida contra Deus porque tudo o que Ele faz é justo e correto.

“Sendo infinitamente mais elevado que as mais altas criaturas, Ele é o Deus Altíssimo, Senhor dos Céus e da Terra. Não está sujeito a ninguém, não é influenciado por ninguém, é absolutamente independente. Deus faz o que Lhe agrada, apenas como Lhe agrada, sempre como Lhe agrada. Ninguém consegue frustrá-LO, ninguém consegue impedi-LO” (Extraído).

Deus nunca muda. *“Também a Glória de Israel não mente, nem se arrepende, porquanto não é homem, para que se arrependa” (1 Sm 15.29).* Ele não pode voltar atrás quando promete alguma coisa. *“Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa. Porventura, tendo ele prometido, não o fará? Ou, tendo falado, não o cumprirá?” (Nm 23.19).* *“Porque eu, o SENHOR, não mudo; por isso, vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos” (Ml 3.6).*

“Em quem não pode existir variação ou sombra de mudança” (Tg 1.17).

Deus é absolutamente santo. Ele odeia o pecado e não pode aprová-lo nem deixar que passe sem punição. *“Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1 Jo 1.5).* *“Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória” (Is 6.3).* *“Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar” (Hc 1.13).*

A indescritível santidade de Deus torna-se mais evidente na maneira como tratou o pecado, na cruz do Calvário. Ali não se tratava de um pecador morrendo pelos pecados que ele mesmo havia cometido; ao invés disso, foi o Filho de Deus, sem pecado, morrendo pelos pecados dos outros. Sabemos que Deus deve derramar Sua ira contra todos os que pecaram. Mas que atitude Ele teria quando Seu próprio Filho levou sobre Si os pecados dos outros? Será que Ele puniria o Filho de Seu amor? Já sabemos a resposta. A santidade de Deus é tão grande que Ele abandonou o Senhor Jesus durante as três horas em que o Salvador estava dando Sua vida como Substituto pelos pecadores. Quem de nós pode sondar tal santidade?

A grandeza de Deus também é vista em Sua onipotência. *“O poder pertence a Deus” (Sl 62.11).* O poder de Deus é visto na criação. A grandeza dos céus cheios de estrelas acima de nós é tamanha que nenhum homem é capaz de medi-la. *“Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres E o filho do homem, que o visites?” (Sl 8.3-4).* O poder de Deus é visto ainda pelo fato de que Ele sustenta o universo – os planetas, a humanidade, a vida animal, a vegetação

– tudo é sustentado por Ele. A maior demonstração do poder de Deus, entretanto, foi quando Ele ressuscitou o Senhor Jesus dos mortos. “... e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais” (Ef 1.19-20).

Deus é fiel (1 Co 1.9). Ele nunca pode falhar em fazer aquilo que prometeu. Os que confiam no Senhor jamais correm o risco de ficar decepcionados. Na verdade, é impossível que alguém creia n’Ele e venha a se arrepender, porque Ele é fiel à Sua Palavra. “... as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade” (Lm 3.22-23).

Deus é bom (Na 1.7). A bondade de Deus é estendida a todos. Mesmo que Ele permitisse que todos os homens perecessem em seus pecados, isso não teria nenhuma implicação com relação à Sua bondade. “Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?” (Mt 20.15).

Deus é paciente e longânimo (Rm 2.4). Ele suporta os ataques dos infiéis e céticos, pagando o mal com o bem.

Deus é misericordioso. “Pois a tua misericórdia se eleva até aos céus, e a tua fidelidade, até às nuvens” (Sl 57.10). “Pois quanto o céu se alteia acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem” (Sl 103.11).

O amor de Deus é infinito (Ef 3.18-19). Ele não possui limites – nem quanto à extensão, profundidade ou altura. O amor de Deus paga o preço mais alto. Na cruz do Calvário entendemos da maneira mais completa que “Deus é amor”. Seu amor é imparcial, universal e altruísta. Nada poderá jamais separar Seu povo de Seu amor (Rm 8.35-39).

Deus é tão grandioso que nunca será totalmente entendido por Suas criaturas. *“Porventura, desvendará os arcanos de Deus ou penetrará até à perfeição do Todo-Poderoso? Como as alturas dos céus é a sua sabedoria; que poderás fazer? Mais profunda é ela do que o abismo; que poderás saber? A sua medida é mais longa do que a terra e mais larga do que o mar” (Jó 11.7-9).*

Deus é grandioso demais para a mente humana. “Sua grandeza não pode ser conhecida. ...Ele é mais grandioso que toda linguagem humana e nenhuma palavra pode descrevê-LO. Podemos apenas pensar n’Ele como um Ser cujos atributos e grandiosidade estão além de nosso poder de compreensão e de pensamento” (Novatian).

É maravilhoso que um Deus assim tão grandioso tenha Se interessado de tal forma pelos homens e mulheres pecadores que enviou Seu Filho Unigênito para sofrer, sangrar e morrer no lugar de cada um deles!

Meu Esconderijo

(Versos encontrados no bolso do Major André, após sua execução durante a Guerra Revolucionária.)

Salve, soberano amor, que deu início
ao plano para salvar o homem decaído!
Salve, graça sem par, gratuita, eterna,
que deu à minha alma um Esconderijo!

Contra o Deus que fez o céu,
eu lutei com mãos levantadas;
desprezei até a menção de Sua graça,
orgulhoso demais para buscar um esconderijo.

Envolto nas noites do Egito,
amigo mais das trevas que da luz,
corri loucamente a corrida do pecado,
sem ter um lugar no qual me esconder.

Mas a Palavra eterna soou:
"Todo-Poderoso amor, alcance aquele homem!"
Senti as flechas da angústia e
percebi que não tinha onde me esconder.

Indignado, só tinha a Justiça em mente;
ligeiro busquei o monte Sinai;
Mas a Justiça gritou contra meu rosto:
Essa montanha não é o seu esconderijo!

Então uma voz celestial ouvi,
e o Anjo de misericórdia logo vi;
com face flamejante, levou-me
a Jesus, meu Esconderijo.

Sobre Ele recaiu vingança tal
que poderia mandar o mundo ao inferno.
Ele a suportou por mim e assim
se tornou o meu Esconderijo.

Podem tormentas me assaltar
e balançar a terra de pólo a pólo,
nenhum raio vai me abalar,
pois Jesus é o meu Esconderijo.

3

A PECAMINOSIDADE DO HOMEM

Para podermos apreciar a graça de Deus, devemos não apenas pensar na Sua grandeza, mas também compreender algo sobre a pecaminosidade do homem. Assim como nossos pensamentos a respeito de Deus tendem a ser humanos demais, assim também nossos pensamentos a respeito do homem tendem a ser divinos demais.

A Bíblia pinta um quadro bastante obscuro sobre o homem e, se formos honestos conosco mesmos, teremos que admitir que esse quadro corresponde à realidade.

O homem é um pecador vil. Essa é uma condição que está com ele desde o nascimento. *“Desviam-se os ímpios desde a sua concepção; nascem e já se desencaminham, proferindo mentiras”* (Sl 58.3). Em sua infância, ele não precisa ser ensinado a praticar o mal; ele o pratica naturalmente. Mas ele precisa, sim, ser ensinado a praticar o bem enquanto viver (Pv 22.15).

O ser humano é pecador por natureza e pela prática (Rm 3.23). O que ele é em si mesmo e o que ele faz é igualmente pecaminoso. Aliás, o que ele é em si mesmo é muito pior do que aquilo que ele pratica. Dentro dele jaz

um abismo de corrupção, um inferno de iniquidade, um poço de pecados.

A vida interior do ser humano não suportaria ser exposta (Mt 15.19). Ele não poderia publicar um livro contendo o registro de seus pensamentos mais íntimos; seria contra a lei publicá-lo. Ele não se disporia a caminhar por uma hora, levando um cartaz anunciando os piores pensamentos que ele teve durante a última semana.

Por séculos, os homens têm escrito seus pensamentos imorais em paredes de prédios públicos – revelando a depravação de seu coração.

Em todos os homens existe uma vasta diferença entre o que ele é e o que ele deseja que os outros pensem que ele seja. Ele não quer que as pessoas o conheçam como ele realmente é, então usa uma máscara. Sua pessoa é o que ele realmente é; sua personalidade é o que ele quer que as pessoas pensem sobre ele. Desta forma, o homem é um hipócrita.

Alguém já disse que o homem é o que ele é no escuro. Deus diz: *“Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más”* (Jo 3.19).

Quando o homem vê a falha, o fracasso ou o pecado nos outros, isso lhe parece muito revoltante e repugnante. Mas quando ele comete o mesmo pecado, já não lhe parece tão ruim. *“Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?”* (Rm 2.3).

Essa culpa pelo pecado se aplica a toda a humanidade, a todos os que são nascidos de um pai e uma mãe. *“Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à*

uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rm 3.10-12).

O pecado não apenas afetou toda a raça humana, mas também todas as partes do ser humano – sua garganta, língua, lábios, boca, pés e olhos. *“A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconhecaram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Rm 3.13-18).*

O homem peca contra seu Deus, contra seu próximo e contra si mesmo.

Em vez de adorar ao seu Deus, ele O insulta fazendo ídolos e se prostrando diante deles. Seus deuses são imagens de homens, pássaros, bestas quadrúpedes e outras coisas horríveis (Rm 1.23). Ao invés de ser grato a Deus pela vida, alimentos, vestes e abrigo, o homem maldiz o nome de Deus. Ele não jura pelos papas, presidentes ou príncipes, mas ele toma o santo Nome do Senhor, seu Deus, em vão (Ex 20.7). Ele possui sentimentos de uma inimizade estabelecida contra Deus em vez de amor por Ele. Ele só está feliz quando consegue se esquecer de Deus e triste quando se lembra d’Ele.

O homem não peca apenas contra Deus; ele peca contra outros homens, seus companheiros. Ele não apenas se envolve em prazeres imorais, mas incentiva outros a fazerem o mesmo. *“Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem” (Rm 1.32). “Pois não dormem, se não fizerem mal, e foge deles o sono, se não fizerem tropeçar alguém” (Pv 4.16).*

O homem é egoísta. Ele precisa vir em primeiro lugar. Quer que as coisas sejam feitas à sua maneira. Para satisfazer suas paixões carnis, ele corrompe outros através do adultério, da fornicação e de outras formas desprezíveis de comportamento sexual.

Ele mente a fim de promover suas próprias finalidades. Ele não é de confiança. *“Afastai-vos, pois, do homem cujo fôlego está no seu nariz. Pois em que é ele estimado?”* (Is 2.22). Quem quer que nele confie, é amaldiçoado (Jr 17.5).

Ele se regozija quando a calamidade atinge outras pessoas e se alegra por ela não o ter afetado.

Ele descarrega sua raiva e maldade em seu próximo. Ele inveja aqueles que têm mais que ele e arquiteta um plano para furtar o que não lhe pertence.

E, se ele encontra alguém que seja mais íntegro que ele, o que faz? Busca elevar o padrão de sua vida até aquele padrão mais alto? Pelo contrário, busca destruir aquele cuja vida virtuosa expõe a sua (Jo 3.19-20).

Ele não peca apenas contra Deus e contra seu próximo; ele peca também contra si mesmo. Ele abusa de seu corpo através das bebedeiras, da imoralidade e da devassidão. Desperdiça seus talentos e esbanja seus bens. Recusa conselhos sábios e rejeita seu Amigo mais verdadeiro. Como seria bom se ele se conscientizasse de que ele mesmo é seu pior inimigo!

O homem não gosta de pensar que Deus demonstra Sua graça. “A graça – que significa o perdão completo e gratuito de todos os pecados, sem Deus exigir nem esperar nada por parte de quem foi perdoado – é um princípio tão oposto ao pensamento e aos modos de todos os homens, **tão** acima do homem, que ele não gosta dele. Seu próprio coração, geralmente em secreto, a chama de injustiça. Ele não

trata os outros dessa maneira e não gosta de pensar que Deus o faça” – J. N. Darby.

Várias ilustrações são usadas na Bíblia para descrever o estado pecaminoso do homem. Por exemplo, ele é comparado a um leproso (Mt 8.2), quando é mencionada sua condição desprezível, incurável, contaminadora. Ele é paralítico (Jo 5.5), surdo (Mc 7.32), mudo (Mc 9.17), cego (Jo 9.1) e morto em seus delitos e pecados (Ef 2.1). Ele é decaído, impuro, irremediável e merece o inferno.

O auge do pecado do homem surgiu dois mil anos atrás. Quando Deus veio a este mundo na pessoa de Jesus Cristo, os homens olharam para o único Homem perfeito que já viveu; mas mesmo assim não O toleraram. Ele não veio para roubar, matar ou destruir, mas para dar vida e vida abundante (Jo 10.10); não obstante, as criaturas que haviam sido feitas pelas mãos d’Ele, gritaram: *“Este é o herdeiro; mate-mo-lo, para que a herança venha a ser nossa”* (Lc 20.14). E na cruz do Calvário Ele morreu em lugar de uma raça de pecadores rebeldes – adúlteros, bêbados, mentirosos, ladrões e assassinos.

Você morreria por um bêbado?

Ele morreu!

O homem realmente merece ir para o inferno. Não há nele uma única coisa que inspirasse a piedade ou o amor de Deus. Não há nenhuma razão no homem pela qual Deus devesse abençoá-lo. Ele é impuro e não merece nada a não ser a punição. Mas Deus enviou Seu Filho Unigênito para morrer como Substituto de homens pecadores. Isso é graça.

A graça deveria fazer com que todos exclamassem:

“Quem sou eu para que meu Senhor assumisse a fraqueza da carne e morresse por mim!”

QUE IMENSO AMOR (*And can it be that I should gain*)

(Charles Wesley – tradução livre)

Será possível que eu alcance o favor
Do sangue do Salvador?
Eu causei a Sua dor, e Ele morreu por mim,
Por mim, que O persegui até o fim?
Que imenso amor! Como pode ser que
Tu, ó Deus, deverias morrer por mim?
Que imenso amor! Como pode ser que
Tu, ó Deus, deverias morrer por mim?

Ele desceu, vindo do trono de Seu Pai,
Obediente, por Sua infinita graça.
Esvaziou-se de tudo, menos do amor,
E sangrou pelos filhos perdidos de Adão.
É imensa e graciosa a misericórdia
Que, ó Deus, me descobriu!
É imensa e graciosa a misericórdia
Que, ó Deus, me descobriu!

Não temo mais nenhuma condenação,
Jesus, e tudo n'Ele, é meu!
Estou vivo n'Ele, meu Guia vitorioso,
Revestido de divina justiça.
Ouso me acercar ao trono eterno,
E buscar a coroa, que ganhei através de Cristo.
Ouso me acercar ao trono eterno, para
E buscar a coroa, que ganhei através de Cristo.

A BONDADE DE DEUS PARA COM O HOMEM

A graça de Deus para com o homem começou realmente antes que o homem tivesse sido criado. Em Sua presciência, Deus viu tudo o que iria acontecer – a criação, a queda do homem e que a humanidade teria a tremenda necessidade de um caminho para a salvação.

Em Seus desígnios eternos e profundos, Deus teceu planos bem elaborados para abençoar o homem de uma forma que vai além da mais extravagante imaginação humana.

1. O Cordeiro foi morto desde a fundação do mundo (Ap 13.8).

2. Os eleitos foram escolhidos antes da fundação do mundo (Ef 1.4).

3. A vida eterna foi prometida antes que o mundo começasse (Tt 1.2).

4. O Reino foi preparado desde a fundação do mundo (Mt 25.34).

Então Deus criou o homem à Sua imagem e semelhança (Gn 1.26). Adão foi o maior dos atos criativos de Deus. A Adão foi dado o domínio sobre todas as coisas viventes sobre a terra (Gn 1.28). Ele foi designado como o representante pessoal de Deus aqui na terra.

O Senhor colocou o homem em um ambiente ideal, onde tudo foi providenciado para satisfazer suas necessidades e os seus desejos (Gn 2.8). Nada lhe foi retido.

A bondade do Senhor foi manifesta na regularidade do tempo da sementeira e da colheita, do frio e do calor, do verão e do inverno, do dia e da noite (Gn 8.22). Isso foi demonstrado na variedade de alimentos que Deus proporcionou ao homem tão liberalmente. Também foi revelada na beleza da criação, que Ele projetou para que o homem desfrutasse dela.

A despeito da infinita bondade de Deus, o homem caiu em pecado (Gn 3.6). Ele voltou as costas a seu Deus e desobedeceu ao Senhor. Ele creu na mentira do Diabo de que Deus estaria retendo algo que seria para o benefício do homem (Gn 3.1).

Será que isso interrompeu o fluir das benevolências de Deus em favor do homem? Pelo contrário, Deus tomou providências, fruto de Sua graça, para cobrir a nudez de Adão e Eva (Gn 3.21) e prometeu a vinda de Cristo, que destruiria o inimigo do homem, a saber, o Diabo (Gn 3.15).

Todo o Antigo Testamento é um registro da infalível benignidade de Deus para com Seu povo infiel. Ele fez alianças com Abraão e com Davi, por exemplo, nas quais prometeu outorgar bondade aos seus descendentes, incondicionalmente, através da Pessoa e da Obra de

Cristo (Gn 15.5; 2 Sm 7.16). Ele os alimentou, guiou, protegeu e abençoou sem medida.

O povo de Deus, contudo, retribuiu essa bondade com incredulidade, idolatria, murmuração, imoralidade e ingratidão.

Mas, perseverante, mesmo diante de tamanha ingratidão, Deus enviou profetas a Seu povo. Esses homens falaram como porta-vozes de Deus. Trouxeram uma mensagem diretamente do Senhor. As palavras que falaram eram as exatas palavras de Deus. O povo maltratou os profetas, apedrejou-os, jogou-os em covas e, em muitos casos, matou-os.

Será que a paciência de Deus ainda sobreviveria a tamanhos insultos? Sim, Deus mais uma vez falaria com os homens, desta vez de maneira mais maravilhosa e mais graciosa do que jamais acontecera antes.

Ele enviaria Seu Filho!

A mente humana nunca conseguirá entender o que significou para o coração de Deus enviar Seu Filho Unigênito a uma raça de homens pecaminosos. A pessoa teria que ser tão santa e tão amorosa quanto Deus para poder sentir a angústia e a compaixão desse ato.

Todavia, duas figuras muito vívidas nos são dadas na Bíblia para nos ajudar a compartilhar, pelo menos em parte, das emoções de Deus a esse respeito. Uma ilustração está no Antigo Testamento e a outra no Novo Testamento.

A figura do Antigo Testamento é a história sobre a disposição de Abraão em oferecer seu filho Isaque em sacrifício (Gn 22). Deus havia prometido a Abraão que este teria uma descendência tão numerosa quanto as estrelas dos céus e as areias do mar. Então, ele ordenou a Abraão que pegasse

**seu filho,
seu único filho,
Isaque,
a quem ele amava,**

e o sacrificasse no Monte Moriá. O pai obediente é visto caminhando com seu filho para o alto daquela montanha. O pai carrega uma faca e uma tocha de fogo; o filho carrega a madeira para o altar do sacrifício. Podemos ouvir a conversa entre eles, que é uma verdadeira entrega de coração entre pai e filho. Vemos Isaque amarrado e deitado sobre o altar. Quase que podemos ouvir o respirar pesado de Abraão à medida que ele levanta a faca para imolar seu filho.

Então Deus interveio. Ele mesmo providenciou o carneiro para morrer no lugar de Isaque. Até este ponto, tivemos uma imagem vívida de Deus oferecendo Seu Filho para morrer na cruz do Calvário. Mas aqui termina o paralelo. Não foi necessário que Abraão desse seu filho à morte; foi encontrado um substituto para ele. Mas Deus realmente deu Seu Filho Unigênito para morrer na cruz. Como foi dito com tanta beleza: “Deus poupou o coração de Abraão da angústia que Ele não poupou ao Seu próprio coração”. Nenhum substituto foi encontrado para o Senhor Jesus.

Um segundo relato comovedor sobre o que significou para Deus dar Seu Filho está registrado no Novo Testamento (Lc 20.9-15). Ali Deus é comparado a um lavrador (fazendeiro), que plantou uma vinha e colocou lavradores para tomarem conta dela. Quando chegou o tempo de receber algum retorno da vinha, ele enviou um servo aos lavradores, mas estes bateram nele e o enviaram de volta

sem receber coisa alguma. (Foi assim que o povo de Deus tratou os profetas.) O proprietário da vinha enviou outro servo e novamente os lavradores bateram nele, abusaram dele e o enviaram de volta de mãos vazias. Ainda um terceiro servo foi espancado e lançado fora da vinha.

Então o proprietário ponderou sobre o que deveria fazer. Após refletir bastante, tomou a decisão: “Enviarei meu filho amado; pode ser que eles o tratem com respeito quando o virem”.

Mas os lavradores maus reagiram violentamente e disseram: “Este é o herdeiro; vamos matá-lo e a herança poderá vir a ser nossa”.

Desta forma, eles o lançaram fora da vinha e o mataram. Foi isso que os homens fizeram ao Filho amado de Deus.

Mas, mesmo assim, o amor de Deus não se extinguiu. Eles fizeram o mal, mas Deus retribuiu com o bem (Gn 50.20). Eles agiram de acordo com sua maldade, mas Deus tinha sua própria maneira de agir. Eles pensavam estar matando um homem comum, mas Deus decretara que Seu Filho morreria pelos pecados do mundo. Do ponto de vista humano, as ovelhas estavam matando seu Pastor. Mas do ponto de vista divino, o Pastor estava morrendo pelas ovelhas.

Após a ressurreição e a ascensão de Cristo, Deus tem enviado o convite do Evangelho, dizendo: “Venham, pois todas as coisas já estão prontas”. Por dois mil anos, Ele vem instando com os filhos dos homens para virem e participarem de Sua grande ceia. Alguns pedem para serem desculpados, mas não poderão vir. Outros estão atrasados. Outros recusam sumariamente o convite. Apenas alguns o aceitam.

Mesmo assim, a benignidade e a bondade de Deus permanecem. Sua clemência e Sua longanimidade persistem. Sua graça é inexaurível.

A Graça Eterna de Jesus (*Amazing Grace*)

- John Newton (Trad.: José de Britto Barros)

A graça eterna de Jesus
Que veio me libertar
A mim tão pobre pecador;
Oh, graça singular!

Tal graça o medo me levou
Desde o dia em que eu cri,
E bem feliz me transformou,
Tal nunca mereci!

Perigos e horrores passarei
Na peregrinação,
Mas pela graça alcançarei
Celestial mansão.

E quando no lar celestial,
Por tempos sem cessar,
Louvor daremos, eternal,
A quem nos quis salvar.

A GRAÇA DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

Assim como a graça de Deus foi demonstrada por meio do presente de Seu Filho, assim também a graça de Cristo foi manifestada em Sua disposição de morrer pelos pecadores.

“Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos” (2 Co 8.9).

A Sua graça é vista, portanto, nestes dois fatos tremendos:

1. Ele era rico.
2. Ele se fez pobre.

Primeiramente, Ele era rico. Desde toda a eternidade Ele habitava com Deus, Seu Pai, em paz e alegria ininterruptas. Ele estava junto com Deus, era um com Ele; e era o deleite do Pai dia após dia, regozijando-se diante dEle (Pv 8.30). Seria mais fácil contar as estrelas do que descrever adequadamente as riquezas que eram dEle nos céus.

Ele poderia ter permanecido naquele lugar de riquezas e descanso. Poderia ter ficado no céu, distante da tristeza, do sofrimento e da morte. Poderia ter permitido que os homens decaídos seguissem mergulhando em direção à terrível perdição que merecem.

Mas Ele escolheu deixar Suas riquezas, alegria e felicidade no céu para Se tornar o Salvador do mundo. Ele não sentiu que a Sua igualdade com Deus fosse algo a que devesse apegar-Se, a todo custo (Fp 2.6). Dispôs-Se a trocar as riquezas no céu pela pobreza na terra.

Ele, que era rico, escolheu tornar-Se pobre.

Ele tornou-Se pobre, primeiramente, ao tornar-Se Homem (Fp 2.7). Esse foi um tremendo ato de condescendência – o fato de o Filho de Deus tornar-Se Homem. Foi uma indescritível humilhação. Se o homem pudesse, de alguma forma, tornar-se um gafanhoto, ou um micróbio, essa seria uma comparação fraquíssima perto do que significou para Cristo tornar-Se Homem.

Ele não entrou no mundo como homem adulto. O poderoso Criador nasceu no mundo como um bebê (Lc 2.7). O Todo-Poderoso Sustentador do Universo era uma criança indefesa nos braços de Sua mãe.

Lembre-se também que Ele não nasceu em uma família de posses e influência, mas de uma família de pessoas humildes – de uma virgem chamada Maria.

Seu nascimento não aconteceu em um hospital limpo, nem mesmo numa cabana bem ajeitada. Ele nasceu em uma estrebaria e Seu berço foi uma manjedoura (Lc 2.7). Observe que não havia lugar para Ele na hospedaria.

Que o Senhor da glória tenha vindo ao mundo dessa maneira foi um extraordinário ato de esvaziamento. Mas isso não é tudo. Em vez de tornar-Se um governante, um homem de posses, um alto oficial re-

ligioso, Ele veio como Servo (Fp 2.7). Veio para servir e não para ser servido (Mt 20.28). Aquele, a Quem as milícias celestiais serviram nas épocas passadas, tornou-Se servo dos homens. E, como esses homens eram escravos do pecado, Ele literalmente tornou-Se servo de escravos.

Viveu por trinta anos na obscuridade, sendo a maior parte no desacreditado vilarejo de Nazaré (Lc 2.39), e então deu início a três anos de ministério público (Jo 1.29).

Você jamais poderia imaginar, ao olhar para Ele, que Aquele era o Deus de toda a criação; Ele havia encoberto Sua glória em um corpo carnal. Era como um de nós – exceto que Ele nunca pecou (1 Pe 2.22).

Ele fazia o bem – dando vista aos cegos, audição aos surdos, e a fala aos mudos. Curou enfermos, sarou aleijados e ressuscitou mortos.

Mas os homens não O amaram. Seus próprios irmãos não O compreenderam. Seus vizinhos zombaram dEle. Os líderes religiosos odiaram e O perseguiram. Ele suportou a oposição amarga dos pecadores contra Si mesmo (Hb 12.3), encontrou motivos, na fraqueza dos homens, para somente mostrar-lhes bondade.

Ele perambulava como um estranho que não tem lar, no mundo que Suas mãos haviam feito. E disse: *“As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”* (Lc 9.58). Quando Seus discípulos iam para o conforto de seus lares, Jesus ia para o monte das Oliveiras, presumivelmente para passar a noite ali, sem qualquer proteção contra as intempéries (Jo 7.53; 8.1).

Durante todo esse tempo, Ele era tão verdadeiramente Deus quanto sempre fora, mas Ele havia trocado uma forma de vida por outra. Havia deixado os palácios de mar-

fim e os trocou por um mundo de dor. Havia deixado o cenário sagrado celestial e trocado pela selva deste mundo.

No final dos três anos de Seu ministério público, a oposição a Ele chegou ao clímax. Os líderes religiosos estavam determinados a se livrar dEle.

E então tudo aconteceu!

Primeiramente, Ele foi traído e entregue nas mãos de seus inimigos por um de Seus próprios discípulos, Judas (Mt 26.14-15). O preço foi de trinta moedas de prata. Que estranha pechincha! O Salvador vendido pelo preço de um escravo.

Outro de Seus discípulos, Simão Pedro, O negou (Mt 26.69-75). Que estranha vergonha! Um homem mortal envergonhado do Senhor da glória.

Foi julgado por Pôncio Pilatos (Mt 27.2). Que estranho julgamento! O Inocente condenado pelo culpado.

Depois foi crucificado pelos soldados romanos (Mt 27.31). O único homem perfeito, como jamais existiu outro, foi pregado em uma cruz de criminosos. *“A si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz”* (Fp 2.8). Foi uma morte vergonhosa.

Aquele que colocou o sol, a lua e as estrelas em seus devidos cursos tornou-se homem de dores e que sabe o que é padecer (Is 53.3). O bendito Filho de Deus, que nunca precisaria ter sofrido, tornou-Se o Rei dos sofrimentos. O Santo, que não conheceu pecado, foi sacrificado como oferta pelo pecado dos ímpios.

O Senhor tornou-Se pobre no sentido mais completo da palavra, quando foi colocado na cruz. Não estava apenas sofrendo dores e violência física nas mãos dos homens, e isso já seria muito duro de suportar. Mas a profundidade de seu sofrimento foi atingida durante as três horas de trevas, quando Ele suportou a ira de Deus

contra os pecados dos homens (Lc 23.44). Sua angústia mais crucial ocorreu quando Ele foi abandonado por Deus – quando Ele morreu, como substituto, pelos outros (Mt 27.46). Sobre Ele recaiu a grande vingança que condenaria todos ao inferno.

Todos os pecados que foram cometidos, desde que o mundo é mundo, todos os que estão agora sendo cometidos e todos os pecados que serão cometidos até o final dos tempos, todos foram acumulados sobre Jesus e Ele morreu por todos eles.

É impossível descrever a extensão dos sofrimentos de Cristo. Eles simplesmente não podem ser medidos. São infinitos.

Ali na cruz Ele foi o Bom Pastor, experimentando a ira de Deus para salvar as ovelhas que estavam perdidas (Jo 10.11).

Nenhum dos redimidos jamais soube quão profundas foram as águas que Ele atravessou ou quão escura a noite pela qual o Senhor passou, antes de encontrar a ovelha que se havia perdido.

Ali na cruz Ele foi o homem que vendeu tudo o que possuía a fim de comprar o campo que continha o tesouro escondido (Mt 13.44).

Ali na cruz Ele foi o negociante que vendeu tudo o que possuía a fim de comprar a pérola de alto preço (Mt 13.45-46).

Ele, que era rico, Se fez pobre a fim de comprar de volta para Si mesmo todos os pecadores. Essa é a graça de nosso Senhor Jesus Cristo.

John Bunyan disse certa vez: “Tu, Filho Bendito, Tu te despojaste a Ti mesmo para manifestar a Tua graça. A graça Te trouxe dos céus; a graça Te despiu de Tua glória; a graça Te fez pobre e desprezado; a graça Te fez supor-

tar o peso do pecado, o peso da angústia, tais pesos da maldição de Deus são indescritíveis. Ó, Filho de Deus! A graça estava em todas as tuas lágrimas; a graça brotou do Teu lado juntamente com o Teu sangue; a graça foi expressa em cada palavra que saiu da Tua doce boca; a graça brotou onde as chibatas Te açoitaram, onde os espinhos Te feriram e onde os cravos Te perfuraram. Aqui está a graça de fato! A graça para maravilhar os anjos, a graça para alegrar os pecadores, a graça para fazer passar os demônios”.

A SALVAÇÃO PELA GRÇA MEDIANTE A FÉ

No capítulo anterior, vimos que a graça de nosso Senhor Jesus Cristo levou-O a morrer na cruz do Calvário como Substituto dos pecadores. Devemos rapidamente acrescentar que a morte não foi o fim. Ele foi sepultado em um sepulcro emprestado (Jo 19.41-42), mas depois, ao terceiro dia, ressuscitou dos mortos, sendo Vitorioso sobre o pecado, sobre a morte e sobre o inferno (1 Co 15.4). Mais tarde, ascendeu de volta aos céus onde Deus O coroou de glória, honra e poder (At 1.10). Sua ressurreição e ascensão foram a prova de que Deus estava satisfeito com o trabalho de redenção realizado por Cristo (Rm 4.25).

Agora devemos prosseguir para a questão que trata sobre o modo como os homens são salvos. A obra do Senhor Jesus foi suficiente para redimir a todos os homens, mas nem todos são redimidos.

O preço que Ele pagou foi suficiente para expiar todos os pecados cometidos em todos os séculos, mas nem todos esses pecados são automaticamente expiados.

A razão para isso é que Deus não salva as pessoas contra a sua vontade. Ele não leva pessoas para o céu que não desejam ir para lá. Ele não as obriga a escolher o caminho da vida.

Portanto, Deus deveria projetar uma maneira através da qual aqueles que desejam ser salvos possam obter essa bênção. Como Ele faria isso?

Na verdade, há apenas duas maneiras concebíveis por meio das quais Deus poderia realizar isso:

1. Anunciar essa salvação aos que fizessem algo para obtê-la ou a merecessem de uma forma ou de outra. Essa seria a salvação por meio de obras.

2. Dar a salvação como um presente gratuito aos que a quisessem. Essa seria a salvação pela graça.

Se Deus adotasse a primeira opção, por exemplo, Ele poderia dizer que salvaria aqueles que:

1. Guardassem os Dez Mandamentos.
2. Obedecessem a Regra de Ouro.
3. Vivessem de acordo com o Sermão da Montanha.
4. Fossem batizados.
5. Pertencessem a uma igreja.
6. Vivessem uma vida decente e respeitável.
7. Fizessem as coisas da melhor forma possível.
8. Pagassem uma determinada quantia em dinheiro.

Qualquer sistema, pelo qual a vida eterna pudesse ser merecida ou adquirida, seria classificado sob o título de salvação pelas obras.

O segundo princípio – salvação pela graça – significa simplesmente que a vida eterna seria dada sem cus-

tos ou condições de qualquer tipo. Seria um presente gratuito a todos os que o recebessem.

Qual método Deus escolheu?

Ele escolheu oferecer a salvação como presente gratuito e não como algo que o homem possa obter por meio de merecimento. As seguintes passagens das Escrituras mostram conclusivamente que isso é verdade:

“Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Rm 4.4-5).

*“Porque o salário do pecado é a morte, mas o **dom** gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 6.23).*

*“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é **dom** de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8-9).*

No sentido bíblico, um ‘dom’ significa algo dado por uma pessoa a outra sem cobrar preço algum; sem pensar que a pessoa que o recebe merece ou trabalhou para obtê-lo; e sem pensar que o doador irá receber alguma coisa em troca. No momento em que forem acrescentados condições ou termos, ele deixa de ser um dom, um presente. Um dom exclui qualquer idéia de mérito humano.

Mas, como um pecador recebe o dom da salvação? A resposta é que a salvação é recebida pela fé no Senhor Jesus Cristo. Por mais de cem vezes lemos, no Novo Testamento, que a salvação é recebida porque cremos no Salvador. Por exemplo:

*“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele **crê** não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16).*

*“Por isso, quem **crê** no Filho tem a vida eterna; o que, todavia, se mantém rebelde contra o Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3.36).*

*“Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e **crê** naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida” (Jo 5.24).*

*“Em verdade, em verdade vos digo: quem **crê** em mim tem a vida eterna” (Jo 6.47).*

*“Responderam-lhe: **Crê** no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa” (At 16.31).*

Crer em Cristo significa mais do que uma mera crença em fatos históricos sobre Jesus. Significa que a pessoa faz uma confissão de seus pecados e tem o entendimento de que Jesus morreu como Substituto dos pecadores; além disso, a pessoa assume o compromisso completo de entregar sua vida a Ele. Significa recebê-LO como Senhor e Salvador (Jo 1.12). Significa abrir a porta do coração e permitir que Ele entre (Ap 3.20).

Podemos comparar o que significa crer no Senhor Jesus Cristo com uma primeira aula sobre mergulho. O instrutor fala para o aluno para ficar em pé na beirada do trapiche, manter os pés juntos, olhar para a água. O próximo passo é curvar-se para frente até que os dedos das mãos toquem os dedos dos pés. Agora o instrutor diz: “Mantenha-se nessa posição e apenas vá se movendo para dentro da água”. Amedrontado a princípio, o aluno faz como diz o instrutor. À medida que ele se move em direção à água, seus braços se dirigem para a água antes do restante de seu corpo, e o restante do corpo segue os braços, para dentro da água. Ele deu seu primeiro mergulho.

Na verdade, o aluno empenhou-se para entrar na água. Nenhuma parte dele, por menor que seja, ficou no trapiche. Haja o que houver, ele entregou-se às águas daquele lago.

Isso é precisamente o que significa crer no Senhor Jesus Cristo. É uma entrega da vida a Ele, é como colocar nosso caso inteiramente nas mãos d'Ele.

Para alguns, aqui parece haver uma contradição. Anteriormente falamos que a salvação é um dom, um presente, sem condições ou preço de qualquer tipo. Mas agora falamos que a pessoa tem que crer no Senhor Jesus Cristo para ser salva. Como podemos harmonizar essas duas afirmações?

A resposta é a seguinte:

1. A fé não é uma condição por meio da qual o homem **adquire** a salvação, mas é meramente a aceitação do dom gratuito da salvação.

2. A fé não é meritória. O homem não pode ostentar o fato de ter crido no Senhor Jesus. É apenas algo que se espera, a saber, que a criatura confie em seu Criador. Como é impossível que Deus falhe ou erre, nada é mais razoável do que se esperar que o homem confie n'Ele.

3. Ao confiar em Cristo, o homem simplesmente demonstra sua disposição em ser salvo pela graça de Deus.

Já que estamos falando sobre a fé, devemos apontar dois fatos adicionais importantes.

Primeiro: não é a **quantidade** da fé que conta, mas o **objeto** da fé. Uma grande quantidade de fé em um objeto inútil não tem valor algum. Mas a fé mais simples possível no Senhor Jesus Cristo trará a salvação para aquela alma.

Em segundo lugar: a fé nunca pode ser misturada às obras para o propósito da salvação. Não somos salvos por meio da fé em Cristo somada às boas obras que rea-

lizamos, mas exclusivamente pela fé. Ou é toda a graça de Deus, ou não é graça de maneira alguma.

“E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Rm 11.6).

As obras e a fé são dois princípios que se excluem mutuamente. Ou você se baseia em um ou no outro; não se podem misturar os dois.

Isso levanta uma questão interessante: “Por que Deus não decidiu oferecer a salvação baseado no princípio das obras?” As considerações que seguem irão explicar porque:

1. Ninguém seria salvo. Todos os homens estão mortos em seus delitos e pecados, e, portanto, não podem produzir boas obras para Deus. *“Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia” (Is 64.6).* As boas obras não podem ter início até que o homem tenha sido salvo.

2. Segundo, se o homem pudesse fazer por merecer seu lugar nos céus, ele faria de Deus seu devedor. Deus ficaria devendo a salvação em troca da vida que tal homem tivesse vivido. Isso é claramente impossível. Deus não deve nada a ninguém (Rm 11.35). Não há nada que o homem possa fazer que torne Deus em seu devedor.

3. Se o homem pudesse ser salvo por suas próprias boas obras ou por seu caráter, ele poderia se orgulhar diante de Deus. Mas isso também é inimaginável (Rm 3.27). No céu, Deus tem toda a glória, e Ele não dará Sua glória a nenhuma criatura. O céu ficaria deteriorado se ali houvesse homens orgulhosos.

4. Novamente, se o homem pudesse salvar-se a si mesmo, ele seria obviamente seu próprio salvador. Nesse caso, ele poderia se adorar. Mas isso é claramente proibido pelo primeiro mandamento – *“Não*

terás outros deuses diante de mim” (Êx 20.3). Se o homem pudesse apenas ajudar-se em sua salvação, ele poderia tomar o lugar de co-salvador, compartilhando da glória da salvação com o Senhor Jesus. Já mostramos que isso é impossível.

5. A idéia da salvação por meio de obras está descartada pelo fato de que Deus decretou o seguinte: *“Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Hb 9.22).* Boas obras não envolvem derramamento de sangue, portanto, não há salvação por elas.

6. Os que pensam que ganharão o céu por meio de boas obras esquecem que Deus exige perfeição absoluta. Guardar um mandamento não é o suficiente. Até mesmo guardar nove mandamentos não é o suficiente. Deus deve receber obediência completa (Tg 2.10).

7. Mesmo que um homem pudesse viver uma vida perfeita de hoje em diante, ele não estaria salvo. Deus requer aquilo que é passado (Ec 3.15) e os pecados da vida até o presente momento ainda teriam que ser expiados.

8. Sugerir que o homem pode salvar-se a si mesmo por meio de suas obras é negar a necessidade da obra de Cristo. Se a salvação pudesse vir através de ações ou caráter humanos, então o Salvador não precisaria morrer (Gl 2.21). Mas as Escrituras afirmam que não há outra maneira pela qual importa que sejamos salvos: *“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo” (1 Co 3.11).*

9. A noção de que o homem pode salvar-se a si mesmo ou ajudar em sua salvação nega a suficiência da obra de Cristo (Cl 3). “Existem multidões de homens e mulheres batizados que professam honrar a Cristo, mas que, na realidade, são para Ele uma grande desonra. Essas pessoas dão a Cristo um determinado lugar em seu sistema

religioso, mas não o lugar que Deus tencionava ocupar. Cristo não é tudo para essas almas. Não! Ou é Cristo mais a Igreja – ou é Cristo mais os sacramentos – ou é Cristo mais Seus ministros ordenados – ou é Cristo mais o arrependimento delas mesmas – ou é Cristo mais a bondade que elas têm – ou é Cristo mais as orações que elas fazem – ou é Cristo mais a sinceridade e caridade que realizam, é nisso que repousam suas almas” – Ryle.

10. Com relação à salvação, assim como com tudo o mais, Deus deve sempre ter o lugar de supremacia, o lugar do mais Bendito. Por exemplo, o Senhor Jesus nos disse: “*Mais bem-aventurado é dar que receber*” (At 20.35). Assim sendo, Deus sempre terá o lugar mais bem-aventurado. Ele dá e o homem recebe.

11. Novamente, deve-se mencionar que, como Cristo já realizou a obra de salvação, é impossível que o homem acrescentar algo a ela. Simplesmente não se consegue acrescentar algo a uma obra que já está terminada. Cristo Jesus não veio ao mundo para ajudar a salvar os pecadores, mas para salvá-los (1 Tm 1.15).

A idéia de que os homens são salvos por guardarem a Lei é amplamente divulgada, mas não possui fundamentos bíblicos. Deus não deu a Lei como meio de salvação. Ele nunca teve a intenção de que os homens deveriam usá-la como meio de salvação ou como uma escada para os céus. Ao invés disso, a Lei foi dada a fim de revelar o pecado. Seu propósito foi mostrar aos homens a profundidade de sua depravação para que eles, então, se voltassem para o Senhor e clamassem por misericórdia. “*Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa*” (Rm 5.20). “*Visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado*” (Rm 3.20). A Lei foi dada

para calar a boca dos homens, para convencê-los de que são pecadores, para trazê-los como penitentes aos pés do Senhor (Rm 3.19). “A graça não pode ter início em nós até que a Lei nos haja reduzido a um silêncio completo” – C. I. Scofield.

E mesmo assim, embora lutemos para enfatizar que a salvação não é **por meio de** boas obras, devemos tornar igualmente claro que a salvação é **para** boas obras (Ef 2.10). As boas obras não são a raiz da salvação, mas são o fruto da salvação (Tt 2.14). É a fé que traz a salvação para a alma; depois, a salvação da alma produz boas obras.

É este lado da verdade que é enfatizado por Tiago (Tg 2.14-26). Ele nos faz ver as boas obras como prova de que um homem foi justificado pela fé. A fé em si é invisível, mas as boas obras são a manifestação visível da verdadeira fé. Um homem pode dizer que tem fé, mas, se sua vida não for caracterizada por boas obras, então sua fé não é genuína. Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras está morta. Será apenas uma fé de palavras se ela não resultar em boas obras.

Um último ponto! As boas obras dos crentes serão recompensadas num dia por vir (1 Co 3.14). Embora elas não contribuam em nada para a salvação, elas contribuem muito para o gozo no céu.

Esta é a graça de Deus! Ele salva os homens gratuitamente através da fé em Seu Filho e sem necessidade de obras. Ele lhes dá o poder para produzirem boas obras para Ele e os recompensa por elas.

“PARA QUE VOS TORNÁSSEIS RICOS”

Quando uma pessoa se torna cristã, ela imediatamente se torna fabulosamente rica – não rica de coisas materiais, que duram apenas por esta vida, mas rica em bênçãos espirituais, que duram para sempre.

A expressão “as riquezas de sua graça” é usada por Paulo para descrever tesouros inexauríveis. Todos eles são derramados liberalmente sobre o pecador que confia em Cristo.

Quando uma pessoa se converte, ela recebe a Cristo, e, ao recebê-lo, recebe todas as boas coisas que Deus pode dar. Todas as riquezas dos céus encontram-se em Jesus.

Em Jesus Cristo, Deus deu-nos o maior de todos os presentes. E, como Ele já deu o maior de todos, Ele não irá reter as dádivas menores.

“Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8.32).

Quais, então, são alguns dos tesouros que pertencem àquele que confiou em Jesus Cristo?

1. Primeiramente, ele é salvo – salvo da penalidade do pecado (Rm 8.1); salvo do poder do pecado (Rm 6.14); e recebe a promessa de que um dia ele será salvo até mesmo da presença do pecado (1 Jo 3.2). Ele está salvo das angústias do inferno para sempre. E essa salvação é tão maravilhosa que não se pode atribuir-lhe nenhum valor monetário.

2. Em segundo lugar, o cristão nasce de novo ou nasce do alto (Tt 3.5-6). Em seu primeiro nascimento, ele nasceu com uma natureza pervertida, incurável e decaída. Quando ele nasce de novo, recebe uma nova natureza – a própria vida de Cristo em si. Por acaso existe algum valor monetário adequado que possa ser atribuído a tal bênção?

3. Novamente, ele é justificado (Rm 5.1). Isso significa que Deus agora declara que esse homem é justo. Ao invés de estar vestido com trapos de imundície de sua justiça própria, ele agora se veste da justiça de Deus. Sua posição diante de Deus é tão perfeita que ninguém pode jamais condená-lo (Rm 8.33). De fato, ele está muito melhor agora em Cristo do que estava em Adão – mesmo que Adão jamais tivesse pecado (Rm 5.15-21). O valor de tamanha graça supera qualquer descrição humana.

4. Ele é redimido, isto é, ele foi comprado de volta do mercado da escravidão do pecado (Cl 1.14). E, se isto não parece estupendo a você, apenas lembre-se que o preço dessa redenção foi o precioso sangue de Cristo (1 Pe 1.18-19). Será que o Senhor poderia ter tanto zelo por um pecador, a ponto de pagar tal preço por ele? Sim, Ele pagou! Pense nisso!

5. O cristão recebe o perdão dos pecados (Ef 1.7). Os pecados são removidos por Deus e atirados tão longe como a distância entre o oriente e o ocidente (Sl 103.12).

Ele prometeu que jamais se lembrará deles (Hb 8.12). Os anjos poderiam até perder o fôlego diante de tamanha demonstração de graça.

6. A seguir, o cristão está reconciliado (Rm 5.10). Já não há mais inimizade entre ele e Deus. A paz foi feita por meio do sangue de Jesus na cruz. O Senhor Jesus resolveu a questão do pecado e agora o conflito está terminado. Tal paz não tem preço!

7. O cristão é santificado (1 Co 1.2). Isso significa que Deus o separou do mundo para pertencer a Ele. Também significa que Deus ajuda ao cristão a se parecer cada vez mais com Cristo. Como foi dito: Deus está tão satisfeito com Seu Filho amado que quer ter mais muitos outros como Ele. Tal graça faz com que o santificado exclame: "Oh, quanto amor por mim!"

8. Todo cristão é batizado pelo Espírito Santo, no corpo de Cristo (1 Co 12.13). Ele se torna membro da verdadeira Igreja, a qual manifesta a multiforme sabedoria de Deus aos principados e potestades (Ef 3.10). Ele também se torna membro da noiva de Cristo, posição esta que fala mais de intimidade e afeição do que qualquer linguagem humana poderia expressar.

9. O Espírito Santo é dado ao santo como penhor, ou seja, como uma garantia daquilo que está para acontecer (Ef 1.14). Tão certo como ele tem o Espírito Santo, assim também é certo que receberá a herança celestial. Ele tem tanta certeza do céu que é como se já estivesse lá. É isso que a graça de Deus faz por aqueles que confiam no Salvador.

10. O Espírito Santo também é dado como selo de propriedade (Ef 1.13). Nenhum ser criado poderia receber maior honraria que essa. O crente é marcado por Deus como pertencente a Ele por meio do dom do

Espírito Santo. Quem, a não ser Deus, poderia agir com tanta graça com relação a homens indignos?

11. Ainda mais tremendo é o fato de que o crente é habitado pelo Espírito Santo (1 Co 6.19). Imaginar que um dos membros da Trindade venha habitar no cristão é surpreendente! Na verdade, as Escrituras afirmam que as três Pessoas da Trindade habitam no santo. O corpo do cristão é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.19). Seu coração é a morada de Cristo (Ef 3.17; Cl 1.27). Ele é habitado por Deus, o Pai (Ef 4.6).

12. O crente é aceito no Amado (Ef 1.6). Agora ele comparece diante de Deus, totalmente aceito através dos méritos do Filho amado de Deus.

“Perto, tão perto de Deus,
que mais perto não poderia estar.
Porque, na Pessoa de Seu Filho,
estou tão perto quanto Ele mesmo”.

O cristão ocupa a posição perfeita diante de Deus porque Cristo ocupa essa posição. E ele será aceito enquanto Cristo é aceito – ou seja, eternamente.

13. Ele é completo em Cristo (Cl 2.10). Isso significa que, em Cristo, o crente tem tudo o que precisa para estar apto para os céus. De fato, como o crente está em Cristo, ele já está totalmente apto para estar nos céus. Poderá viver uma vida de fidelidade e devoção a Cristo por muitos anos após sua conversão, mas isso não o torna mais apto para estar no céu. Isso vai aumentar sua alegria de estar no céu e suas recompensas, mas estar apto para o céu depende inteiramente de estar em Cristo, e nada pode melhorar essa posição que já é perfeita.

14. O crente é filho de Deus (Jo 1.12). Ele pode olhar para a face do Deus do Universo e chamá-LO “meu Pai”. Nenhum relacionamento no mundo pode comparar-se ao de ser filho do Rei. Além disso, ele se torna membro da família universal de Deus. Todos os verdadeiros cristãos são agora irmãos e irmãs em Cristo. Essas pessoas são o sal da terra e participar dessa comunhão é uma das maiores alegrias da vida.

15. Ele é adotado como filho de Deus (Gl 4.4-7). Ele não é apenas um filho pertencente à família, mas é um filho adulto. Ele já não está debaixo da escravidão legal, mas é tratado como uma pessoa madura, com todos os privilégios e responsabilidades de um membro maduro da família. A graça poderia ter feito menos que isso; ela poderia simplesmente ter livrado o homem do inferno. *“Mas onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5.20).*

16. O crente é amado por Deus assim como Cristo é amado por Deus. Não ousaríamos dizer isso senão estivesse claramente afirmado na Bíblia. Parece espantoso demais para ser verdade. Mas ali está, na oração sacerdotal de nosso Senhor Jesus: *“Tu ...os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.23b)*. Amado, tão amado por Deus, como não poderia ser mais amado; o amor com que Ele ama Seu Filho, esse é o amor que ele tem por mim. E poderíamos acrescentar: *“Tal amor vai além de todo entendimento”*.

17. O filho de Deus recebe a vida eterna (Jo 5.24). Vida eterna significa a vida do Senhor Jesus. Não é algo que o cristão recebe quando morre; ela é sua propriedade a partir do momento que ele crê em Cristo. E nunca terá fim. É mais preciosa que rubis, e todas as coisas que você puder desejar não se comparam a ela.

18. O santo é herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8.17). Tudo aquilo que Deus possui, Ele compartilha com os que Lhe pertencem. Parece incrível, mas é absoluta verdade que o mais humilde dos crentes pode afirmar: “Todas as coisas são minhas, eu sou de Cristo, e Cristo é de Deus”. Veja 1 Coríntios 3.22-23. Se um homem desse todas as riquezas de sua casa em troca dessa bênção, elas seriam irrisórias.

19. O crente tem acesso a Deus em oração (Ef 2.18). A qualquer momento do dia ou da noite, ele pode ter uma audiência com o Soberano do Universo. Homens deste mundo têm como grande honraria serem recebidos por um rei ou presidente em sua vida. Quanto maior é o privilégio de sermos filhos de Deus!

20. Ele se torna objeto do constante cuidado do Senhor como seu Advogado e Sumo Sacerdote (1 Jo 2.1; Hb 10.21-22). Que maravilha – pensar que Cristo está constantemente trabalhando nos céus em favor dos Seus, silenciando o acusador, suplicando por eles com base em Sua obra expiatória e ministrando graça a Seu povo em todos os momentos de necessidade!

21. O cristão é um sacerdote para Deus (1 Pe 2.5,9). Ele tem o privilégio de oferecer sacrifícios espirituais – oferecer sua pessoa, seu louvor, suas posses. E lhe é dada a inexprimível honra de anunciar as virtudes dAquele que o chamou das trevas para Sua maravilhosa luz.

22. O filho de Deus é cidadão dos céus (Fp 3.20). Se os homens na terra têm orgulho de sua nacionalidade, quantô mais pode um cristão regozijar-se pelo fato de que o céu é sua pátria e que agora ele está aqui como embaixador do Rei (2 Co 5.20).

23. O crente está destinado a ser glorificado com Cristo. De todas as suas bênçãos, esta talvez seja a mais

incrível. Todos os filhos de Deus estão destinados a estarem com Cristo e a serem como Ele para sempre. A glória que Deus deu ao Senhor Jesus como recompensa por Seu maravilhoso trabalho de redenção – essa mesma glória Cristo compartilha com Seu povo (Jo 17.22). Esta verdade é tão magnífica que a linguagem parece insuficiente para descrevê-la. Mas ela faz os homens se tornarem adoradores!

24. O cristão um dia será manifesto como filho de Deus (1 Jo 3.2). O mundo no momento presente não o entende. O mundo não o aprecia. Não sabe quem ele realmente é. Mas, quando Cristo voltar em poder e grande glória, Seu povo vai retornar com Ele. O universo, perplexo, então vai perceber que os cristãos a quem esse universo desprezou eram na verdade os filhos de Deus.

Estes são apenas alguns dos tesouros de valor incalculável que Deus tem preparado para aqueles que O amam. Por toda a eternidade, Ele revelará as superabundantes riquezas de Sua graça ao Seu povo, por meio de Cristo (Ef 2.7). Pense nisso! Levará uma eternidade para Deus revelar os tesouros que Ele preparou para Seus filhos.

Até lá, o melhor que podemos fazer é dizer como o apóstolo Paulo: *“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”* (Ef 1.3).



CERTEZA

É possível uma pessoa saber que é salva e que vai para o céu?

Em resposta a esta pergunta, devemos primeiramente observar que, se a salvação fosse por meio das obras, tal certeza seria impossível. Uma pessoa nunca poderia estar completamente certa de ter realizado boas obras suficientes ou o tipo correto de boas obras. Além disso, se sua salvação dependesse da continuidade de uma vida perfeita, ela nunca poderia ter certeza de que continuaria a satisfazer esse requisito.

Aqueles que crêem que a salvação é dependente de seu caráter pessoal ou das boas obras invariavelmente traem esse fato através de sua fala. Você pergunta a um homem: “Você é salvo?” E é provável que ele responda: “Estou me esforçando para ser”. Em outras palavras, ele espera fazer o que for necessário para **merecer** a salvação, e não **recebê-la como um presente**.

Você pergunta a outro homem: “Você vai para o céu?” E ele responde: “Só vou saber quando eu morrer”. Ele tem a idéia de que Deus, naquela hora, vai pesar suas boas e más ações, e que seu destino dependerá de quais ações forem mais pesadas.

Você pergunta a um terceiro homem, e ele responde: “Espero que sim”. Ou “Acho que sim”. Ou ainda “Sou tão bom quanto os outros”. Todas estas respostas indi-

cam que ele está tentando fazer por **merecer** a aprovação de Deus, mas nunca tem certeza de nada.

Entretanto, como a salvação é pela graça, é possível saber com total certeza quando se é salvo.

“Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência” (Rm 4.16a).

A única maneira através da qual Deus pôde planejar uma CERTEZA de salvação para a humanidade foi pela graça, mediante a fé.

Salvação pela graça significa que tudo depende de Deus e nada depende do homem. Quando tudo depende de Deus, não há possibilidade de fracasso.

Salvação pela graça significa que a vida eterna é um presente, é um dom. Uma pessoa sabe quando aceita um presente. Não há lugar para dúvidas.

A salvação pela graça baseia-se na obra consumada de Cristo. Como Ele completou Sua obra plenamente, o homem não precisa fazê-lo. O homem simplesmente aceita aquilo que Cristo fez por ele.

Paulo sabia que era salvo. Ele disse: *“Porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele Dia” (2 Tm 1.12) (ver Tito 3.5).*

Os crentes de Éfeso sabiam que eram salvos, pois Paulo escreveu a eles: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8).*

Na verdade, todos os crentes destinatários das cartas do Novo Testamento são mencionados como aqueles que já haviam sido salvos e que sabiam disso.

Aos que mantêm suas convicções de que a salvação está de certa forma ligada a boas obras, parece presun-

ção quando um cristão diz que é salvo. De fato, se a salvação dependesse, mesmo que em um grau mínimo, do que o homem é ou do que faz, então seria mesmo uma indescritível presunção ele afirmar ter a vida eterna.

Mas, como a salvação é pela graça, não há nenhuma presunção envolvida nisso. Dwight L. Moody entendeu isso quando disse: “Não me envergonho de dizer que sou um homem convertido; não há nisso nenhum crédito a mim mesmo!”

Os que negam que se possa saber se é salvo, ou não, são os verdadeiros culpados de presunção. Eles têm a presunção de contradizer a Deus. Ele diz que é possível **sabermos** (1 Jo 5.13). Eles dizem que não. Portanto, eles chamam Deus de mentiroso (1 Jo 5.10).

Mas como, então, um cristão sabe que tem a vida eterna? Como ele pode ter certeza que é salvo?

A resposta na forma mais breve possível é que a certeza da salvação vem através da Palavra escrita de Deus.

Quando Deus planejou o Evangelho da graça, Ele queria que aqueles que confiassem em Seu Filho soubessem, sem sombra de dúvida, que haviam passado da morte para a vida. Como Ele poderia atingir esse objetivo da melhor maneira? Qual seria a coisa mais certa, no Universo, sobre a qual poderia ser baseada a certeza da salvação?

O que proporciona mais certeza em todo o Universo é a própria Palavra de Deus. Ela diz uma coisa, então isso deve ser verdade. Não há possibilidade de erro, nem de falha, nem de engano. Os céus e a terra passarão, mas a Palavra de Deus nunca passará (Mc 13.31). Ela está firmada para sempre. Não há nenhuma possibilidade de engano quando se crê em Deus. É impossível nos decepçcionarmos por confiar nEle.

Portanto, Deus determinou outorgar-nos a certeza por meio de Sua própria Palavra, a Bíblia. Nas Escrituras, Ele nos legou um testemunho garantindo de que todo aquele que crê no Nome do Filho de Deus tem a vida eterna.

*“Estas coisas vos escrevi, a fim de **saberes** que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 Jo 5.13).*

Em outras palavras, a Bíblia foi escrita por Deus para que todos os que crêem em Cristo possam saber que são salvos.

Se você confia em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, então pode saber que tem a vida eterna. Como você pode saber? Porque Deus fala isso em Sua Palavra. Nada poderia haver mais certeza que isso.

O problema com muitas pessoas é que elas preferem depender de seus sentimentos para saber se são salvas. Elas acham que, quando confiam em Cristo, vão experimentar sentimentos misteriosos e emocionais. Elas acham que passará uma sensação de calor por seu corpo, como ondas. Elas esperam algo como impulsos elétricos que farão tocar os sininhos da alegria. Quando esses fenômenos não ocorrem, essas pobres pessoas concluem que não são salvas.

Elas deveriam entender que a Bíblia nunca fala sobre **sentir-se** salvo. Elas estão procurando algo que Deus nunca prometeu.

Elas deveriam entender que os sentimentos são um guia não confiável, do qual não podemos depender. Eles variam de uma hora para outra. A certeza da salvação baseada em um fundamento tão incerto não seria digna de ter tal nome.

Essas pessoas deveriam entender que, como disse o Dr. Scofield: “A justificação ocorre na mente de Deus e não no sistema nervoso do crente”. É um fato que fica estabelecido no céu e não um sentimento que é estimulado no corpo.

Logicamente, é verdade que sentimentos de alegria freqüentemente acompanham a conversão de uma pessoa. Quem não se sentiria feliz em saber que é salvo? Mas o fato é que sentimentos de felicidade não nos asseguram que somos salvos. Pelo contrário, é o conhecimento de que estamos salvos, baseados na imutável Palavra de Deus, que nos faz sentir alegria.

O ladrão na hora da morte não soube que estava salvo por causa de seus sentimentos de felicidade. O corpo dele estava destruído pela dor. Ele soube que estava salvo porque ouviu Cristo dizer: “*Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso*” (Lc 23.43). Em outras palavras, ele baseou sua certeza na Palavra do Senhor.

A única diferença dos cristãos de hoje é que eles não ouvem a voz de Deus de modo audível; em nossa época Deus nos dá a certeza por meio de Sua Palavra escrita, a Bíblia.

Logicamente, a Palavra de Deus não é o único meio de termos certeza. À medida que crescemos na vida cristã, vamos obtendo a certeza através:

1. Amor por nossos irmãos em Cristo (1 Jo 3.14).
2. Um novo ódio pelo pecado (Mt 6.13).
3. Um novo amor pela santidade (1 Jo 2.3).
4. Uma sede pela Palavra de Deus (1 Pe 2.2).
5. Uma consciência da direção de Deus, etc. (Rm 8.14).

No momento em que confiamos no Senhor Jesus, podemos saber que estamos salvos porque é isso que a Bíblia nos diz.



SEGURANÇA ETERNA

A pergunta que surge agora é: a salvação é para sempre ou uma pessoa pode ser salva e depois voltar a se perder?

Há os que afirmam que, quando uma pessoa é genuinamente salva, ela está salva para sempre.

Outros acham que essa é uma doutrina muito perigosa que encorajará os cristãos a viver uma vida de pecado. Eles afirmam que a salvação de uma pessoa depende da vida dessa pessoa e que pecar seria perder a vida eterna.

Se uma pessoa entende realmente o Evangelho da graça de Deus, ela prontamente verá que a primeira visão é a correta. Qualquer um que seja genuinamente salvo, é salvo para sempre.

A seguir, apresentamos algumas considerações das Escrituras que nos ensinam que o crente está eternamente seguro:

1. Primeiro, todo filho de Deus foi escolhido em Cristo antes da fundação do mundo (Ef 1.4). A eleição pelo Pai e a predestinação dos Seus asseguram a salvação final e a preservação eterna (Rm 8.30). Ver também João 6.37.

2. A salvação não depende daquilo que fazemos para Deus, mas daquilo que Ele já fez por nós. Depende da

obra consumada do Senhor Jesus na cruz. Essa foi uma obra perfeita e completa (Hb 10.12). Não se pode acrescentar nada a ela, nem melhorá-la (Hb 10.18). Duvidar da segurança eterna é desonrar a suficiência da obra expiatória do Senhor.

A aceitação do crente por Deus está em Cristo, não em si mesmo. Portanto, é uma aceitação perfeita e completa (Hb 10.14). É tão eterna quanto o próprio Cristo.

3. Deus sabia tudo sobre nós antes de nos salvar. Ele conhecia todos os pecados que cometeríamos. Mesmo assim, Ele nos salvou.

Quando o Senhor Jesus morreu, Ele morreu por todos os nossos pecados – passados, presentes e futuros. Na verdade, quando Ele morreu, os nossos pecados eram futuros – e Ele morreu por todos eles.

Portanto, a penalidade por todos esses pecados já foi paga de uma vez por todas. Deus não vai exigir pagamento duas vezes – primeiro das mãos de Cristo e depois das mãos do crente. Isso seria injusto e Deus não pode agir com injustiça.

4. Como vimos antes, a salvação é um presente. Deus não nos dá algo em um dia e tira de nós no outro. “*Os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis*” (Rm 11.29), ou seja, não estão sujeitos a mudança nem a revogação.

5. A salvação é mencionada como um nascimento (Jo 3.3). Quando uma pessoa é salva, ela nasce do Alto. Daí em diante ela é filha de Deus (Jo 1.12). Ora, um nascimento é final e imutável. Uma vez que ele tenha ocorrido, não pode ser desfeito. Um filho pode causar pesar ou mesmo desgraça a seu pai, mas o parentesco entre eles ainda existirá.

É assim também com o novo nascimento. Um cristão pode pecar e causar pesar ao coração de Deus, mas

Deus ainda é seu Pai. Isso é afirmado claramente em 1 João 2.1: “*Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo*”. Ele ainda é nosso Pai, embora venhamos a pecar.

O pecado quebra a **comunhão** com Deus, mas não nosso **relacionamento**.

6. Um crente não é capaz de se manter salvo assim como não é capaz de se salvar. Quando os gálatas tentaram fazer isso, Paulo perguntou-lhes: “*São assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?*” (Gl 3.3).

7. Deus pagou um preço caro demais por Seu povo para depois vir a desistir dele. Ele nos salvou quando éramos Seus inimigos. Será que Ele nos abandonará agora que somos Seus filhos? “*Porque se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida*” (Rm 5.10).

8. Deus promete vida **eterna** ao crente. Quão longa é **eterna**? É para sempre. “*Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão*” (Jo 10.28). Ver também João 3.16; João 3.36; João 6.47. Ele nunca voltará atrás naquilo que prometeu.

9. De acordo com Romanos 8.30, todos os que são justificados serão glorificados. Ser glorificado significa ser levado para o céu, receber um novo corpo e ser separado para sempre da presença do pecado. A glorificação do crente é tão certa que Deus fala dela como se ela já tivesse acontecido. “*(...) e aos que justificou, a esses também glorificou*”.

10. A salvação é um ato que Deus realiza em favor do crente. Ele não garante apenas salvar, mas também guardar.

- *“Ele é poderoso para guardar... (2 Tm 1.12).*
- *“...aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1.6).*
- *“Aquele que é poderoso para vos guardar de tropeços” (Jd 24).*

11. A preservação do crente é assegurada pelo ministério presente do Senhor Jesus Cristo como Sumo Sacerdote e Advogado à destra de Deus.

- Cristo ora para que os Seus sejam guardados (Jo 17.1-26).

- *“Seremos salvos pela sua vida” (Rm 5.9-10), isto é, pela vida e o ministério atual de Jesus por nós no céu.*

- *“...vivendo sempre para interceder por eles” (Hb 7.25).*

- *“Temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 Jo 2.1).*

12. Nada pode jamais separar o crente do amor de Deus – *“...nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.38-39).*

13. A Palavra menciona que o Espírito Santo de Deus habita no crente **para sempre**. *“...Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (Jo 14.16-17).* Ver também 1 João 2.27.

14. O crente também é mencionado como sendo selado pelo Espírito Santo para o dia da redenção (Ef 4.30). E o Espírito Santo é o *“penhor da nossa herança até ao resgate da sua propriedade” (Ef 1.13-14).* Isso garante o Seu ministério pelos filhos de Deus até que finalmente alcancem o céu.

A partir de tudo o que foi visto acima, deve ficar evidente que o cristão é *“guardado pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo”* (1 Pe 1.5).

Dizer que isso é uma doutrina perigosa demonstra a falta de compreensão do significado da graça. Também cria a idéia fantasiosa de que, sempre que uma pessoa é salva, ela imediatamente tem um forte impulso para cometer fornicção, assassinato e outros pecados vis e que, a menos que seja contida pelo medo da punição, ela vai realmente cometer esses atos.

Quais são os fatos?

Os fatos são esses:

1. Ao invés de encorajar os homens a pecar, a doutrina da segurança eterna apresenta a razão mais forte pela qual os homens não deveriam pecar. O conhecimento de que Deus proporcionou uma salvação eterna completa e gratuita faz com que o crente **queira** servi-**LO** para sempre.

O amor é uma força mais poderosa que o medo da punição. Os homens farão, motivados pelo amor, o que jamais fariam motivados pelo medo. O amor constrange o coração como nada consegue fazer. “Não é necessário que os homens sejam mantidos em contínuo terror com relação à sua perdição para que fiquem cautelosos. O amor é o princípio de obediência mais nobre e mais forte que existe; uma percepção do amor de Deus por nós irá aumentar nosso desejo de agradá-**LO**” – Robinson.

Portanto, o cristão não vive uma vida santa a fim de manter sua salvação, mas por amor Àquele que o salvou. Para ele, pecar contra a graça é um crime muito maior do que pecar contra a Lei.

2. Em segundo lugar, quando uma pessoa é salva, ela recebe uma nova natureza (2 Pe 1.4). Em vez de ter

um forte impulso para pecar, o cristão tem um ódio tão grande pelo pecado, como ele nunca havia tido antes.

Essa nova natureza não apenas cria horror pelo pecado, mas faz com que o crente se sinta o mais miserável possível quando peca. Ter a comunhão com o Pai quebrada é uma das maiores tragédias na vida de um cristão. É experimentar a vergonha por ceder àquilo que causou a morte do nosso Salvador. É experimentar a punição de um Pai celestial amoroso. É experimentar a perda da recompensa no Tribunal do Julgamento de Cristo (1 Co 3.15). O cristão em pecado não é restaurado à plena comunhão com o Senhor enquanto não confessar e abandonar esse pecado.

Logicamente, um homem pode professar ser salvo e, mesmo assim, viver em pecado. Ele não apenas comete atos de pecado ocasionais, mas ele pratica o pecado. É o hábito de sua vida. Nesse caso, não é uma questão de a pessoa ter sido salva e depois ter se perdido. Esse homem prova, por seu comportamento, que ele jamais foi genuinamente salvo. Ele é meramente um falso professo que nunca experimentou verdadeiramente a graça de Deus.

Mas, para aqueles que confiaram genuinamente no Senhor vivo e amoroso, existe a promessa infalível de Deus de que Ele os levará em segurança para o lar celestial. Estes podem dizer com total confiança:

“A eternidade não apagará
meu nome da palma de Suas mãos;
Meu nome permanece impresso em Seu coração,
Em marcas de indelével graça.
Sim, eu perseverarei até o fim,
Tão certo quanto o depósito que me foi dado;
Mais felizes serão, porém mais certas não podem ser
As almas dos benditos lá nos céus”.

A RESPOSTA DO HOMEM À GRAÇA DE DEUS

Quando alguém começa a perceber o que a graça de Deus fez por ele, toda sua vida é mudada. Ele jamais poderá voltar a ser o mesmo.

Primeiramente, ele fica dominado pelo sentimento de sua própria indignidade. Parece totalmente incrível que Deus mostre tanta bondade a tão grande pecador. Seu espanto busca avidamente ser expresso:

“Como podes pensar coisas boas de mim,
E ser o Deus que Tu és?
És como a noite para a minha mente,
Porém como o dia para meu coração”.

O poeta adota a linguagem de Rute quando ela diz a Boaz: *“Como é que me favoreces e fazes caso de mim, sendo eu estrangeira?”* (Rt 2.10).

Ou exclama como Davi: *“Quem sou eu, SENHOR Deus, e qual é a minha casa, para que me tenhas tra-*

zido até aqui? Foi isso ainda pouco aos teus olhos, SENHOR Deus, de maneira que também falaste a respeito da casa de teu servo para tempos distantes; e isto é instrução para todos os homens, ó SENHOR Deus” (2 Sm 7.18-19).

Ou ele empresta as palavras que Mefibosete disse a Davi: “*Quem é teu servo, para teres olhado para um cão morto tal como eu?*” (2 Sm 9.8).

Ou talvez ele use o protesto do centurião: “*Senhor, não sou digno de que entres em minha casa*” (Mt 8.8).

Em qualquer dos casos, ele está extasiado pela maravilha de ter sido convidado para o banquete do Evangelho.

“Embora nossos olhos e nosso coração
Se juntem para admirar o banquete
Cada um com gratidão clama
‘Senhor, por que razão fui convidado?’
“Por que me fizeste ouvir Tua voz
E entrar enquanto ainda há lugar
Enquanto milhares fazem a escolha errada
E preferem morrer a entrar?”

Juntamente com essa sensação de indignidade pessoal existe uma profunda convicção da suprema dignidade do Senhor. Aquele que experimenta a graça de Deus, instintivamente cai de joelhos e reconhece que toda a glória pertence a Ele.

“Digno de honra e de louvor
Digno de ser adorado por todos
Tema inesgotável de canções celestiais
Tu, Tu és digno, Senhor Jesus”.

O crente percebe sua total inabilidade de expressar tudo o que sente diante da dignidade de seu Senhor e Salvador.

“Juntem-se todos os nomes gloriosos
De sabedoria, amor e poder
Que os mortais já conheceram
E que os anjos já usaram.
Todos são pequenos demais para falar da dignidade
do Senhor
E pequenos demais para anunciar o Salvador”.

Ele sente um forte impulso para derramar a devoção de seu coração com palavras como as que seguem:

“Grande Deus de maravilhas!
Todos os Teus caminhos mostram Teus atributos divinos
Mas as glórias de Tua graça
Brilham acima das outras maravilhas que possuis
Quem é um Deus tão perdoador como Tu?
Ou Quem concede uma graça tão extrema e gratuita?”

Ou, ainda, o crente pode clamar com a simplicidade de uma criança:

“Minha canção é um amor desconhecido
Meu Salvador é o amor para mim
O amor mostrado aos que não o mereciam
Só Tu, tão amoroso, poderias fazer isso.
Oh, quem sou eu para que por amor a mim
Meu Senhor pudesse morrer”.

Além desse impulso interior de adorar o Senhor, o crente se depara com a inescapável conclusão de que a

única coisa que ele pode fazer agora é entregar-se totalmente ao Senhor – espírito, alma e corpo. E ele canta com novo significado:

“Se todo o reino da natureza fosse meu
Ainda seria uma oferta pequena demais,
Um Amor tão maravilhoso, tão divino
Exige meu coração, minha vida, meu tudo”.

Ele se apega às palavras do apóstolo Paulo: *“Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou” (2 Co 5.14-15).*

Ele vê que as misericórdias do Senhor exigem seu corpo, um *“sacrifício vivo, santo, agradável”* a Deus, seu culto racional (Rm 12.1-2). Percebe que, por ter sido comprado, ele já não mais pertence a si mesmo, então diz: “Eu amo o meu Senhor; não quero sair da presença dEle e ser livre”.

Para olhos que viram a graça de Deus, nenhum sacrifício pode ser grandioso demais. O crente considera que o Senhor é digno de seu intelecto, seus talentos, sua juventude, seu tempo, toda sua vida. Até mesmo o sofrimento é considerado privilégio em vista do Calvário.

Então a graça de Deus toca o bolso do crente. Talvez pela primeira vez o cristão entenda que tudo pertence a Ele. Já não é uma questão de “quanto eu devo dar para a igreja?” Mas, em vez disso, é “quanto posso dar ao Senhor e ao trabalho da Sua causa?”

“Nada do que tenho posso chamar de meu
Vou guardar tudo para o Doador
Meu coração, minha força, minha vida, meu tudo
São d’Ele, e d’Ele para sempre”.

O coração que transborda de gratidão a Deus nunca ficará satisfeito em dar apenas daquilo que está sobrando, mas, em vez disso, determina: *“Não oferecerei ao SENHOR, meu Deus, holocaustos que não me custem nada”* (2 Sm 24.24).

“Como eu poderia sonegar a Ti a melhor hora da vida
ou juntar ouro, ou poder?
Por que eu reteria de Ti aquilo que me é precioso
se Tu Te deste por mim, me deste a Tua vida?”

Outro resultado da graça de Deus na vida de uma pessoa é o desejo constante de buscar a santidade. A graça de Deus nos ensina que devemos rejeitar a impiedade e as paixões mundanas e viver de modo sensato, justo e piedoso no presente mundo (Tt 2.11). A lembrança do que seus pecados custaram ao Salvador faz o crente odiar o pecado com uma nova paixão. Longe de animar o crente a pecar, como dizem alguns, a graça de Deus nos fornece a razão mais forte possível para não pecarmos.

Ainda mais que isso, a graça de Deus a um pecador inevitavelmente fará dele um missionário. Ele já não pode mais ficar despreocupado com relação a seu próximo. Ele sente uma tremenda responsabilidade por todos eles (Rm 1.14).

A graça de Deus não apenas faz de um homem um missionário, ela faz dele uma pessoa que ama a Palavra

de Deus, a Bíblia. Ele se volta para ela com expectativa, aguardando ouvir a voz de seu Amado. Ele se dedica ao estudo de suas páginas como alguém que está à procura de um tesouro escondido. Ele estimará seus preceitos mais do que o alimento que lhe é necessário. Ele a explorará buscando a mente de Deus no que se refere à igreja, à nação judaica, aos gentios e ao futuro profético.

E a graça de Deus gerará dentro do homem um desejo de ter comunhão com Ele em oração. Orar já não será um dever religioso monótono, mas será um abençoado privilégio.

“Oh! A delícia de uma simples hora
que gastei diante de teu trono
quando me ajoelhei em oração
e, contigo, meu Deus,
tive comunhão, como dois amigos”.

Finalmente, o entendimento da graça de Deus manterá a pessoa no auge da expectativa, aguardando o retorno de seu Senhor. A graça o ensinará a ficar *“aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus”* (Tt 2.13).

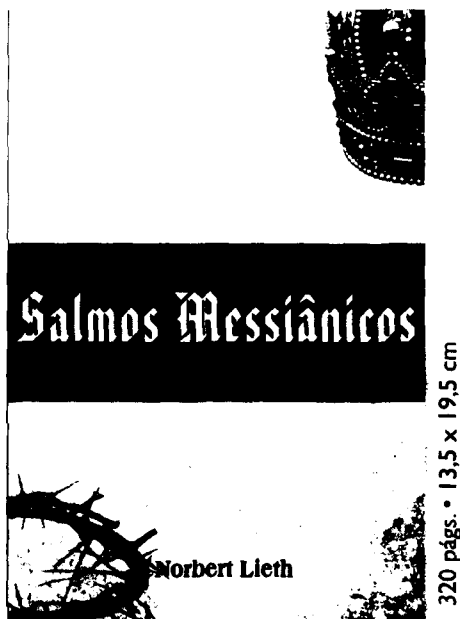
E então, por toda a eternidade, Deus nos revelará *“a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus”* (Ef 2.7).

Essa é a graça de Deus! A própria eternidade não conseguirá esgotar esse tema!



Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

Novo Livro de Norbert Lieth



Os Salmos do Antigo Testamento contém tesouros incríveis! Eles exaltam a grandeza e a justiça de Deus e apresentam uma visão sobre a História da Salvação, desde a eleição de Israel até ao remanescente do povo judeu dos últimos dias. Durante milênios o Senhor vêm falando ao coração de cada cristão de uma maneira ímpar, através dos Salmos, pois neles encontramos relatos de dificuldades causadas pelo pecado, lemos de arrependimento, de profundo desespero e de imensa alegria.

Além disso, os Salmos revelam profeticamente o Messias de Israel e isso tanto em Sua humilhação como também em Sua glória. Por isso não é de admirar que o Novo Testamento cita numerosas afirmações deles.

Trata-se de um livro que traz novo ânimo aos leitores!

pedidos: ☎ 0300 789.5152 • www.Chamada.com.br

Novo Livro de **Marcel Malgo**



216 págs. • 13,5 x 19,5 cm

A mensagem do profeta Oséias é a mensagem do inacreditável amor de Deus, que pacientemente trabalha em prol do alvo de salvar a Israel. Deus não cessa de amar a Israel, mesmo que esse povo da Antiga Aliança se rebele contra seu Senhor.

Mas o que isso tem a ver conosco, que somos Seu povo da Nova Aliança? Quem ler este livro ficará admirado com seus muitos aspectos pessoais, com verdades que se aplicam à nossa vida também. Cada capítulo tem uma ênfase distinta e nos traz um novo desafio. Tenha coragem de encarar e aceitar esses desafios!

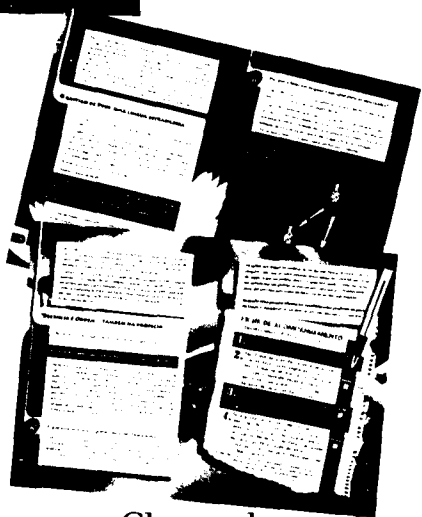
Imperdível



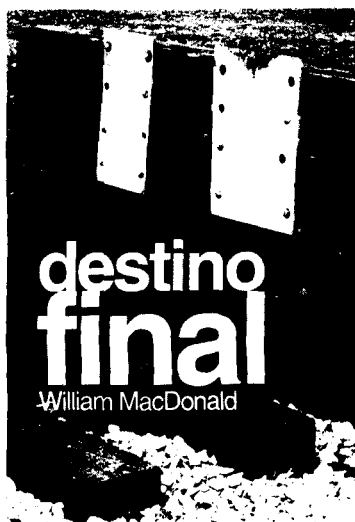
- 136 páginas
- todas coloridas
- ricamente ilustrado

Este livro lhe proporcionará uma orientação bíblica clara para que você identifique...

- Quais são os dons do Espírito Santo
- Os que não são dons do Espírito Santo
- A finalidade para a qual esses dons foram concedidos



pedidos: ☎ 0300 789.5152 • www.Chamada.com.br



13,5 x 19,5 cm - 32 pág.

super evangelístico

A vida é incerta. Todo dia pessoas se levantam e vão trabalhar sem pensar que antes do anoitecer poderão se encontrar com Deus. Hoje alguns deixarão o planeta terra devido a um ataque cardíaco, um acidente ou um assalto violento. Há inúmeras possibilidades de morte súbita.

Por essa razão cada pessoa consciente deveria pensar sobre onde irá quando morrer e onde passará a eternidade.

Qual será o seu destino final?

Este livreto vai ajudá-lo a descobrir. Leia-o cuidadosamente. Ele poderá mudar a sua vida e o seu destino – para sempre.

todo
colorido

papel
especial

compartilhe esta jornada

baixe GRÁTIS e distribua



slideshow
e vídeo



eLivro



papéis de
parede



audiolivro

www.DestinoFinal.com.br

A GRAÇA DE DEUS

Quando alguém começa a perceber o quanto a graça de Deus fez por ele, toda sua vida é mudada. Ele jamais voltará a ser o mesmo.

Ele é tomado por um sentimento de indignidade pessoal, mas, juntamente com ele, surge uma profunda convicção da suprema dignidade do Senhor. Aquele que experimenta a graça de Deus, instintivamente cai de joelhos e reconhece que toda a glória pertence a Ele.

Além desse impulso interior de adorar o Senhor, o crente se depara com a inequívoca conclusão, de que a única coisa que ele pode fazer agora é entregar-se totalmente ao Senhor – espírito, alma e corpo. Para alguém que experimentou a graça de Deus nenhum sacrifício é demais.

William MacDonald (07/01/1917 – 25/12/2007) viveu na Califórnia–EUA, onde desenvolveu seu ministério. Sua ênfase era de ressaltar com clareza e objetividade os ensinamentos bíblicos para a vida cristã, tanto nas suas pregações como através de mais de oitenta livros que escreveu. No Brasil, uma de suas obras mais conhecidas é o “Comentário Bíblico Popular” além de “O Discipulado Verdadeiro”, considerado um clássico cristão.



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

ISBN 978-85-7720-049-8



9 788577 200498